

A Dinâmica das Identidades: análise estilística e contextual de três bandas de Metal da Cena Rock Underground de Aracaju-SE.

Resumo: Essa comunicação pretende apresentar, de forma sucinta, os resultados da tese de doutorado baseada no estudo da Cena Rock Underground de Aracaju-SE (CRUA), a partir da análise estilística de três bandas – The Warlord, Scarlet Peace, Sign of Hate – que representam três estilos diferentes – Heavy, Doom e Death Metal respectivamente. Uma das características mais marcantes da cultura Metal, que é o processo de fragmentação do gênero que leva a numerosos estilos, cada um deles desenvolvendo características peculiares. Tais divisões estão relacionadas com a necessidade de se identificar com um grupo geral, ao mesmo tempo em que caracteriza fronteiras para diferenciar-se. Por isso é importante entender a cena Metal como um complexo de diversos sub-gêneros que, apesar de interagirem constantemente através de uma rede de relações pessoais e emocionais, diferem enormemente tanto na forma com que são criados quanto na forma com que são vivenciados pelas bandas e público. O objetivo foi compreender como os participantes dessa cena vivenciam esse processo de diferenciação criando e mantendo fronteiras estilísticas. Percebeu-se que há um período de aprendizagem cultural no qual certos elementos musicais e extra-musicais passam a ser categorizados em “camadas de significação da percepção musical”, mas que as diferentes “fases de imersão” influenciam na maneira como tais símbolos são percebidos de forma significativa.

Palavras chave: Rock, Heavy Metal, análise de estilo, percepção musical.

Abstract: This text intends to present the results of the PhD thesis on Ethnomusicology, based in the research on the Rock Underground Scene in Aracaju City, Sergipe, Brazil. To do so, I have chosen three bands – Warlord, Scarlet Peace, Sign of Hate – representing three different styles – Heavy, Doom, and Death Metal, respectively, that interact within this scene. The Metal scene was chosen because one of its characteristics, that is a process of fragmentation which leads to numerous sub styles, each of them developing its own particular stylistic features. As I am trying to show, those divisions are also related to issues of identity, the necessity of belonging to a large group and, at the same time, each style developing idiosyncratic characteristics. So, it is important to understand the Metal scene as a complex of diverse styles that, although they interact constantly through an array of personal and emotional relationships, they differ enormously in the way each style is brought into being and experienced by its bands and audience. This thesis attempted to understand how this underground rock scene experience its fragmentation process by creating and sustaining stylistic boundaries. During the research it became clear that there is a period of cultural learning, in which certain musical and extra-musical elements are categorized into “meaningful layers of musical perception”, but that different “phases of immersion” influence the way cultural symbols are significantly experienced.

Keywords: Rock, Heavy Metal, style analysis, musical perception.

Introdução

O gênero musical comumente referido como Metal é não somente um dos mais difundidos por todo o globo, como é, também, um dos que menos se dá atenção dentro da academia. No entanto, havemos de concordar com Kahn-Harris (2001) ao afirmar que, diferentemente da maioria dos demais gêneros musicais, sua notoriedade tem garantido que mesmo aqueles que tenham ouvido muito pouco Metal, ainda assim têm uma opinião sobre ele, em geral, depreciativas. No primeiro livro acadêmico sobre o Heavy Metal, Deena Weinstein (1991) nos fornece uma série de descrições preconceituosas relacionadas à cultura Metal tais como “não musical, músicos medíocres e barulhenta”, assim como sua suposta relação com o uso de drogas, insanidade mental e adoração satânica (KAHN-HARRIS, 2001, 2004).

Apesar de todo esse “barulho” em relação ao Metal, nada disso afetou seu contínuo crescimento e difusão. Pelo contrário, esta característica anti-hegemônica é o que provavelmente mais chama a atenção de um cada vez maior número de jovens a vivenciar esse fenômeno. Na década de 1980 o Heavy Metal se tornou um sucesso fenomenal nos Estados Unidos da América (WEINSTEIN, 1991; WALSER 1993), refletindo em diversos países (ver, por exemplo, WALLACH, 2005; KAHN-HARRIS, Keith, 2000, 2002; AVELAR, 2003), tais como o Brasil, cujo maior exemplo foi a realização do mega festival Rock in Rio, em 1985, com diversas de bandas de Heavy Metal, tais como o Iron Maiden e Scorpions.

Uma das características da cultura Metal é um processo de fragmentação que leva a numerosos sub-estilos, cada um deles desenvolvendo características estilísticas peculiares. Tais divisões estão quase sempre relacionadas com a necessidade de identificar-se com um grupo geral, ao mesmo tempo em que caracteriza fronteiras para diferenciar-se. E apesar de estar comumente relacionado com as “tribos” jovens, Barth já havia demonstrado que esse processo de identificação e diferenciação não está limitada à cultura jovem. Pessoas procuram usar símbolos que são reconhecíveis pelos integrantes de seu grupo, assim como por pessoas que não sejam integrantes desse grupo, tais como tipos de roupa ou o jeito de cortar e/ou pentear o cabelo.

Dessa forma, é importante entender a cena Metal como um complexo de diversos estilos que, apesar de interagirem constantemente através de uma rede de relações pessoais e emocionais, diferem enormemente tanto na maneira com que são criados quanto no modo com que são vivenciados pelas bandas e público. A pesquisa

efetuada foi um estudo da Cena Rock Underground de Aracaju-SE, doravante denominada CRUA, a partir da análise estilística de três bandas – Warlord, Scarlet Peace, Sign of Hate -- que representam três estilos diferentes – Heavy, Doom e Death Metal respectivamente. O objetivo dessa tese foi compreender como os participantes dessa cena vivenciam esse processo de diferenciação, criando e mantendo fronteiras estilísticas.

As Bandas e os Estilos

Metal deve ser entendido como um gênero musical que reúne características gerais comuns aos diversos sub-gêneros, cada qual com um estilo próprio de pensar e fazer música. Tais características podem ser resumidas no conjunto musical composto por uma ou duas guitarras elétricas (com ênfase no uso da distorção), um baixo elétrico, um kit de bateria (geralmente com dois bumbos ou pedal duplo) e um vocalista principal; estilo de vestimenta baseada em calça jeans e camisa preta com algum logotipo ou imagem associada a uma banda; as letras cantadas em inglês; e o processo composicional baseado em riffs de guitarra distorcida.

Dentro do Metal existem diversos estilos, tais como Heavy Metal, Doom Metal, Death Metal, Black Metal, e outros. As bandas selecionadas para essa pesquisa foram escolhidas por serem, perante o público da CRUA, as mais representativas dos estilos por elas intencionados, principalmente quando relacionadas com os cânones de cada estilo.

A banda The Warlord surgiu em 1991 a partir da iniciativa de dois amigos, Otávio (guitarra) e Júlio (bateria), com o objetivo de tocar músicas das bandas de Heavy Metal que gostavam tais como o Iron Maiden e Manowar. A eles se juntaram George (voz), Dalmar (baixo) e Vanicson (guitarra). Com a banda completa, passaram a compor músicas próprias, chegando a lançar duas fitas de demonstração, e atualmente estão finalizando a gravação de seu CD independente. Nesses dezesseis anos de existência, a banda já mudou de integrantes diversas vezes, sendo que atualmente só restaram o guitarrista Otávio e o vocalista George da formação inicial.

A banda Scarlet Peace foi criada em 1996 a partir da junção de duas outras bandas com músicos em comum. Desde o início a intenção era tocar músicas no estilo Death/Doom Metal, de acordo com bandas pioneiras no estilo tais como a Paradise Lost e a Anathema. A Scarlet Peace é composta por André (voz, guitarra e teclado), Ricardo

(guitarra), Paulo (baixo) e Alexandre (bateria) desde sua primeira formação até os dias atuais. Em 2004 gravaram seu primeiro CD independente com boa repercussão na crítica especializada.

A banda Sign of Hate surgiu no final de 1998 a partir da intenção do guitarrista Ismael de fazer músicas de metal extremo. A ele se juntaram seus ex-colegas da extinta banda Átropos, Rodrigo (bateria), Euclides (baixo) e Márcio (voz). Em 2005, Ismael, fundador da banda, decide deixá-la por motivos pessoais, e com sua saída Euclides passa a tocar guitarra e convida mais um guitarrista (Fábio) e um baixista (Guttemberg) para assumir seu lugar.

Em comum, as três bandas são formadas por músicos autodidatas ou com pouco estudo musical formal, com exceção da Warlord cujo baterista Júlio é percussionista da Orquestra Sinfônica de Sergipe, e da minha passagem pela banda durante mais ou menos oito anos (formado em Composição, com mestrado e doutorado em Etnomusicologia), sendo até hoje responsável pelos arranjos orquestrais e vocais da banda. Entretanto, o pouco estudo formal dos músicos não os impediu de compor músicas que são significantes para seus fãs. Durante a pesquisa descobriu-se que não basta saber tocar um instrumento para poder tocar e compor músicas significativas dentro de um estilo musical. É necessário conhecer bem os limites de cada estilo e como cada estilo agrupa os elementos musicais de forma diferenciada.

De forma resumida, identificou-se que a consciência perceptível de um estilo musical surge a partir da eleição de determinados elementos musicais como mais importantes de serem percebidos do que outros. Ao ouvir uma música, cada pessoa elege um conjunto de elementos específicos como sendo de importância primária, enquanto que outros elementos recebem menor importância – em graus variados – ou não são sequer percebidos. Esta diferença entre quais elementos recebem importância primária, secundária, terciária ou em quantas for possível identificar, é o que eu chamo de Camadas de Significação da Percepção Musical.

Desenvolver

Após o processo de análise das músicas das bandas, assim como das conversas com seus criadores, executantes e público ouvinte, foi possível identificar quais elementos musicais seriam essenciais àquele estilo, isto é, estariam num primeiro plano

de significação; e quais elementos musicais são menos essenciais, ou menos percebidos, dentro daquele universo sonoro. A seguir, uma comparação entre os diferentes estilos tentará realçar essas camadas de percepção.

Comparação das Bandas

Nesse texto, quatro elementos musicais serão destacados: o andamento das músicas, a execução vocal, o uso da guitarra e o processo composicional das bandas.

O primeiro elemento que gostaria de chamar a atenção é em relação ao andamento das músicas. Em um extremo, a Scarlet Peace procura usar tanto andamentos lentos, quanto poucos toques na caixa por compasso, para enfatizar uma sensação de tristeza e sofrimento. Em outro extremo está a Sign of Hate, que toca a maior parte do tempo num andamento muito rápido, enfatizado por muitos toques de caixa por compasso. A forma de tocar guitarra também ajuda a enfatizar esses extremos pois, enquanto a Scarlet Peace utiliza *power chords*¹ a maior parte do tempo, com notas longas (semibreves e mínimas), a Sign of Hate procura utilizar trêmolo em notas individuais com figuras rápidas (semicolcheias e fusas). No meio do caminho se encontra a Warlord, com andamentos moderados e rápidos e riffs de guitarra que dão preferência às notas longas.

A execução vocal é outro elemento importantíssimo na identificação do estilo. O estilo vocal da Warlord mantém a tradição de melodias tonais e tessitura aguda do Heavy Metal, com uma voz limpa, e harmonizações vocais. Já a Scarlet Peace compartilha com a Sign of Hate um estilo vocal gutural.

Já a função do guitarrista não difere muito entre as bandas. Em todas as três as guitarras são o principal instrumento compositor e seu timbre distorcido é essencial em todas as músicas. No entanto, enquanto a Warlord e a Scarlet Peace aceitam e utilizam o uso da guitarra limpa, a Sign of Hate não prevê espaço para o timbre limpo em suas músicas, já que o objetivo da banda é tocar Death Metal da forma mais extrema possível.

Mas é a característica composicional das bandas o que mais as diferenciam, ou seja, como todos esses elementos musicais se combinam para formar estruturas musicais

1 Produzido ao tocar um intervalo de quarta justa ou quinta justa em uma guitarra elétrica fortemente amplificada e distorcida, o power chord é utilizado por todas as bandas que são classificadas como Heavy Metal e, até a enorme influência do Heavy Metal em outros gêneros musicais no final dos anos oitenta, por, comparativamente, poucos músicos fora desse gênero... Ele é um som complexo, feito por notas e harmônicos resultantes, constantemente renovados e energizados pelo feedback (realimentação). (WALSER, 1993, p. 2)

significativas para seus ouvintes. Por um lado, as músicas da Scarlet Peace são baseadas em muitos ostinatos melódicos, construídos e repetidos de forma clássica, ou seja, frases de quatro compassos, repetidas quatro vezes. As progressões harmônicas modais não vão além de quatro acordes e o ritmo harmônico em geral é o de um acorde por compasso. As harmonias e melodias são sempre no modo eólio e apesar de não haver muita variação harmônica, eles procuram variar a textura da música. Em todas as músicas há seções rápidas, com pedal duplo e guitarra base em trêmolo e seções lentas, com guitarra sem distorção e timbre de piano no teclado. Melodias instrumentais são muito importantes e têm um grande espaço em suas composições. Solos de guitarra também estão presentes, apesar de não serem uma característica comum do estilo.

A Warlord, por sua vez, usa tanto trechos modais (eólio), caracterizado pela sétimo grau natural no modo menor e pela ausência da dominante, quanto trechos tonais, caracterizado pela dominante maior sobre o modo menor, ou o uso da escala menor harmônica. Há o uso de procedimentos composicionais tonais ao longo de todas as músicas, tais como nas modulações para a tonalidade da dominante ou da subdominante, dominantes secundárias, acordes napolitanos, contraponto tonal e harmonizações com uma textura coral nas guitarras e nas vozes. Por sua vez, o timbre de teclado contribui para essa afirmação do sistema tonal ocidental, ao utilizar samples de cordas orquestrais. A estrutura das músicas contam com muitas partes, caracterizadas por diversos riffs de guitarra. Riffs que podem chegar a extensão de quatro compassos. Solos de guitarra são uma parte importante de suas composições e toda música tem que ter um.

Já a Sign of Hate procura fugir do *Status Quo*, criando riffs não tonais, numa tentativa consciente de transgredir sonoramente o sistema musical ocidental². Mesmo assim, como foi o caso da música 'Infernal Dungeon', ainda é possível fazer relações tonais entre os riffs. A Sign of Hate baseia suas composições em riffs pequenos, baseados em trêmolo, quase sempre repetidos quatro vezes, seguidos de um novo riff. Há uma menor quantidade de riffs e uma maior repetição deles, se comparada à banda Warlord. Apesar de ser algo comum nas músicas de bandas de Death Metal, há pouca ocorrência de solos de guitarra no CD da Sign. Suas músicas são sempre muito rápidas, sem nenhum trecho lento ou com guitarras com som limpo.

Porém, nem todos os participantes se relacionam da mesma forma com essas regras estilísticas. Há diferentes níveis de imersão, que vão caracterizar diferentes

2 O que Berger chamou de "anarchic atonality of Death Metal" (BERGER, 1999, p.6).

formas de ressonância simbólica. Durante a pesquisa de campo, pude identificar pelo menos três níveis de imersão: 1) Fase inicial, quando o indivíduo está entrando na cena e conhecendo os estilos; 2) Fase da auto-afirmação, quando ele passa a ter uma maior senso crítico, sendo sua fase mais radical; 3) Fase da maturidade, quando não se importa mais com fronteiras e radicalismo, e passa a ter um gosto musical mais abrangente.

Desenvolver

Conclusão

Nessa comunicação eu procurei demonstrar como bandas de diferentes estilos que se relacionam dentro de uma mesma cena, pensam seu fazer musical de forma diferente. Cada conceito musical vai gerar um comportamento e produto musical próprio. Assim sendo, haverá diferentes paradigmas de experiência, nos quais os participantes irão ter diferentes expectativas e reações relacionadas à cada estilo. E isso ocorre porque há um aprendizado cultural que irá categorizar os símbolos e elementos musicais em diferentes camadas significativas de percepção. Saber quais elementos são importantes dentro de um estilo é saber categorizá-los.

No entanto, diferentes níveis de imersão cultural, irão influir na forma com que os motivos simbólicos irão ressoar nesse indivíduo, criando novas formas de interpretação e significação. Por isso, os resultados aqui obtidos devem ser entendidos de forma contextualizada, podendo ou não, ter semelhanças com outras cenas e outras interpretações estilísticas.

Desenvolver

Referências Bibliográficas

AVELAR, Idelber. Heavy Metal Music in Postdictatorial Brazil: Sepultura and the Coding of Nationality in Sound. *Journal of Latin American Cultural Studies* 12 (3), p. 141-52, 2003.

BARTH, Frederick. Introduction. In BARTH, Frederick (ed.). *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*. Bergen, Oslo: Universitets Forlaget, p. 9-38, 1969.

BERGER, Harris M. *Metal, Rock and Jazz: Perception and the Phenomenology of Musical Experience*. Hannover, London: Wesleyan University Press, 1999.

KAHN-HARRIS, Keith. "I Hate This Fucking Country": Dealing with the Global and the Local in the Israeli Extreme Metal Scene. In YOUNG, R. (ed.), *Music, Popular Culture, Identities*. Amsterdam: Editions Rodopi, p. 133-51, 2002.

KAHN-HARRIS, Keith. 2004. Unspectacular Subculture: Transgression and Mundanity in the Global Extreme Metal Scene. In Andy Bennet and KAHN-HARRIS, Keith. *After Subculture: Critical Studies in Contemporary Youth Culture*. Hampshire: Palgrave Macmillan, p. 107-18, 2004.

KAHN-HARRIS, Keith. Roots?: The Relationship Between the Global and the Local Within the Extreme Metal Scene. *Popular Music* 19 (1), p. 13-30, 2000.

KAHN-HARRIS, Keith. *Transgression and Mundanity: The Global Extreme Metal Music Scene*. Tese de Doutorado em Sociologia, Goldsmiths College, Londres, 2001.

MERRIAM, Alan P. *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

WALLACH, Jeremy. Underground Rock Music and Democratization in Indonesia. *World Literature Today*, Setember-December, p. 16-20, 2005.

WALSER, Robert. *Running With the Devil: Power, Gender, and Madness in Heavy Metal Music*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1993.

WEINSTEIN, Deena. *Heavy Metal: The Music and Its Culture*. New York: Da Capo Press, 1991.